

Dr. Eng. Hermínio Duarte-Ramos
Director de ELECTRICIDADE

Cinzas de Angola

O primeiro projecto de engenharia que elaborei, em Lisboa, com destino a Angola correspondeu a uma central eléctrica de emergência para o aeroporto de Luanda. Nessa altura, em 1964, era meu interlocutor o Eng. Bessa Victor, electrotécnico natural daquelas terras, a quem o meu chefe dizia, a gracejar, que contava com ele para lhe arranjar lá um lugar de trabalho quando se tornasse um dos donos da Angola independente. Estávamos em plena guerra do Ultramar, e o colega angolano limitava-se a rir. De facto, vim a saber que se tornou um alto funcionário nos departamentos da aviação civil de Angola depois de 1975. Mas nunca ouvi o seu nome entre os poderosos da governação. Até porque não viera do mato. Poderia ser um técnico conhecedor ou um bom gestor. Todavia, faltava-lhe um cognome de guerra que lhe validasse o "necessário" curriculum vitae.

Foi mais um projecto de um grupo electrogéneo com breve corte de corrente eléctrica, idêntico a outros que já havia produzido para os aeroportos do Porto e Faro. Por isso, deu-me algum enfado: não trouxe nada de novo, sobretudo depois do que havia projectado, instalado e ensaiado no aeroporto de Lisboa (com dois grupos sem interrupção de energia em caso de falha do fornecimento normal e mais um potente grupo de base para socorrer consumidores menos exigentes em tempo de corte da corrente). No entanto, essa central para Luanda foi instalada e, naturalmente, deve ter tido a utilidade prevista para as suas funções.

Anos mais tarde, creio que em 1967, decidi ir trabalhar para o desenvolvimento daquele território africano, quando me aprontava a emigrar para o Canadá. Cansara-me da vida estagnada à minha volta em Lisboa. Ambicionava realizar obras maiores do que aquelas em que andava envolvido, apesar de algumas não serem nada pequenas. Nessa idade sentia dentro de mim uma forte capacidade de investigação científica e tecnológica, depois de ter passado a fase em que dominei a arte de engenharia. Cheguei a desligar-me de tudo o que era instalações eléctricas para me dedicar exclusivamente à investigação da língua chinesa, pelo desenvolvimento de um método de escrita com letras latinas, denominado "chinês alfabético", com vista a ultrapassar as dificuldades da sua aprendizagem e utilização do computador (numa época em que só havia "grandes computadores" em tamanho).

A verdade, porém, é que na Universidade de Luanda encontrei o caminho da investigação electrotécnica, com passagem por uma universidade alemã, conseguindo fugir (é este o verdadeiro termo) às frequentes tentações que em Angola me propunham para retomar a actividade de projectista. O

meu projecto pessoal era outro, que não tive tempo de lá concretizar nas suas potencialidades fundamentais.

Mesmo assim, ainda deixei obras de engenharia com significado pontual. Aparte a concepção e montagem dos laboratórios de máquinas eléctricas e de alta tensão e ainda do centro de alimentação eléctrica do Departamento de Electrotecnia, na universidade luandense, acedi a elaborar alguns projectos inovadores no meu historial de consultor. De memória, pois disponho de elementos mais completos no arquivo do passado (que ocupa um andar T4 desarrumado em Lisboa), deixo aqui alguns traços desse trabalho. Para que se perceba um pouco aquilo que as cinzas da História já sufocaram.

Em resposta a uma grande insistência da empresa Electra, projectei uma nova unidade fabril para a Casa Americana, que se preparava para dar um apreciável impulso à reparação de automóveis, como tendência numa perspectiva de maior vulto. Aí concebi uma nova estrutura para iluminar espaços interiores. Aí arquitectei uma instalação de força motriz com primórdios de flexibilidade.

Depois, projectei as instalações eléctricas de um cinema no Dondo, junto ao rio Kuanza, próximo da importante barragem que alimentava Luanda com energia eléctrica. Não me lembro quem era o dono da obra. Mas recordo-me de ter sido um trabalho bastante prazenteiro, porque naquele clima tropical as cine-esplanadas têm um encanto particular, suscitando da parte do projectista uma imaginação cheia de criatividade funcional e estética. Além da sala de espectáculos exigir cuidados específicos, sobretudo quanto à segurança, que considereei como características inovadoras naquela época.

Não chegou a ser materializado o projecto de um laboratório de ensaios para equipamento eléctrico de baixa tensão, no enquadramento de uma oficina electrotécnica em construção pela Junta Provincial de Electrificação de Angola. Nessa concepção especifiquei uma instalação de aferição de contadores de energia eléctrica, com traços modernizadores relativamente a exemplos conhecidos em Portugal (como era o caso das CRGE - Companhias Reunidas de Gás e Electricidade, em Lisboa, posteriormente integradas na EDP). E concebi um original sistema de teste da duração de vida eléctrica de interruptores e comutadores, que avaliasse a qualidade dos produtos importados ou numa previsível fabricação local.

Por solicitação dos SMAE (Serviços Municipalizados de Água e Electricidade) de Luanda projectei um ramal aéreo de alta tensão (a 30 kV) no chamado bairro do Estoril, onde tive a oportunidade de aplicar os princípios de dimensionamento regulamentados para as linhas aéreas,

numa área geográfica com condições climáticas muito diferentes daquelas que a tradição me ensinara. Foi a última obra pessoalmente concretizada em Angola, inserida na expansão urbanística da capital, que não sei se foi materializada.

Quando chegou o 25 de Abril de 1974 estava integrado numa equipa de vários outros projectistas (arquitectos, paisagistas, engenheiros e sociólogos) com vista a fazer o plano director de uma vasta urbanização nos arredores de Luanda, para as bandas do Cacucaco. Tratava-se de uma ideia liderada pelo Arq. Troufa Real, ao tempo a exercer actividade na Câmara de Luanda, donde iriam nascer novas e variadas orientações de criatividade. Mas o entusiasmo do líder da concepção urbanística pela política libertina trocou o projecto por manifestações de rua (inconsequentes, pois os donos da guerrilha ainda não haviam tomado conta do poder) e tudo não passou de sonhadoras reuniões de discussão básica.

É verdade. Reuniões que multipliquei aqui e ali, quando estava prestes a atingir o topo da carreira universitária. O próprio Reitor chamou a si os engenheiros que lhe pareciam mais experientes nas diversas especialidades, sob a intenção de projectar um amplo campus universitário, na encosta onde se encontrava instalado o Laboratório de Engenharia Civil de Angola. Era uma linda localização, virada ao mar, ladeando o muceque Prenda. O projecto global poderia dar à Universidade de Luanda uma dignidade com superior ímpeto. Desses encontros (sem consequências práticas, mas com reflexos humanos que ainda não esqueci) retenho uma fotografia aérea da implantação prevista. Qualquer dia irei à sua procura, para ilustrar o que tenho na cabeça como história da universidade em Angola.

Outro tipo de reuniões sobre projectos de uma "Angola em Grande", conforme a acção de marketing que iniciei com o Jaime Mourão Ferreira para o governador Santos e Castro, tinham em mente prometedores financiamentos nas diversas áreas económicas: no sector mineiro (aquele minério de ferro embarcado no porto de Moçâmedes não podia continuar a ir para o Japão sem uma pré-transformação e ainda por cima carregado de pepitas de ouro, diziam) e nos sectores industriais (refinaria de petróleo, siderurgia, etc).

O que se salvou, até hoje, foi o projecto de uma empresa industrial de metalomecânica, em Viana, a cerca de 30 quilómetros de Luanda na estrada de Catete, porque lá ficaram o Eng. Barracosa e o Dr. Perlico, a fundir metais para fazer pás e enxadas, painéis e tachos. Uma metalúrgica oficialmente "exemplar". O resto não se distingue nas cinzas das queimadas acesas pelos homens. **E**